

revista brasileira de estudos clássicos

clás sica




ANNABLUME
CLÁSSICA

v. 26
n. 1
2013

THAMOS, M. (2011).

*AS ARMAS E O VARÃO: LEITURA E TRADUÇÃO DO CANTO I
DA ENEIDA.* SÃO PAULO, EDUSP.

Brunno V. G. Vieira*

* Universidade Estadual
Paulista.
E-mail: brvieira@fclar.
unesp.br.

Diante de um poema latino cuja excelência retórica e poética intimida o apressado leitor contemporâneo¹, musicalidade em palavra já seria exigir bastante de um tradutor, quanto mais um requintado repertório linguístico vernáculo e um domínio absoluto de uma modulação versificatória maior. Uma empreitada tradutória dignificada por essas raras competências pode ser lida na tradução do canto primeiro da ofuscante *Eneida* que coroa o livro *As armas e o varão*, no qual, aliás, a beleza do ensaio poético-tradutório, como pintura, emoldura-se em edição bela, cuidada e ricamente ilustrada da EDUSP.

A defender bravamente uma abordagem imanentista do texto de Virgílio, Márcio Thamos garante a qualidade do trabalho menos por uma certa compulsão bibliográfica, figura fácil em hiperbóreos intérpretes, que por uma expressão ensaística bastante difícil de ser vista no âmbito acadêmico, a da poética. Muito elegante e afinado em sua análise, o ensaísta convida pensadores tais como Arendt, Eisenstein, Huizinga, Kandinsky e Valéry para dialogar com Virgílio, sob a ótica de uma rigorosa semiologia que busca a palavra virgiliana como signo poético instaurado nas relações entre significante e significado. O resultado interessantíssimo desse encontro de tradições exegéticas e poéticas poderá o leitor descobrir à leitura comentada de episódios do canto I da *Eneida* (p.23-318).

Segue-se a essa leitura um excelente ensaio tradutório ao fim do volume que me incita a convidar Pound para esta nossa conversa, como aliás faz Thamos algumas vezes no seu texto. Das espécies de poesia que o poeta delimita, a melopeia é aquela mais vivamente exercida por Virgílio. Sua habilidade no trato burilado das vogais latinas em combinação melíflua com estocantes aliterações consonantais é algo sofisticado e difícil de verter. Virgílio o fez de Homero², senhor supremo dessa espécie.

1. Como perspicaz e divertidamente João Angelo Oliva Neto identificou. Cf. J. A. OLIVA NETO, 'Tradução Literária e Estudos Clássicos Brasileiros', in C. L. B. ANTUNES, *Ritmo e sonoridade na poesia grega antiga*, São Paulo, Humanitas, 2011, p. 9

2. Cf. "Nunca li meia página de Homero sem encontrar invenção melódica, isto é, invenção melódica que eu ainda não conhecia". E. POUND, *ABC da literatura* (Trad. A. de Campos e J. P. Paes), São Paulo, Cultrix, 1970. p. 46. É verdade que Pound não atribui essa espécie de poesia a Virgílio, mas aquilo que fala em relação a poesia homérica condiz com o que lemos no *corpus* virgiliano.

3. Adjetivo muito comum em fim de verso na fórmula (ῥοδοδάκτυλος Ἥως, “dedirósea Aurora”, com 5 ocorrências na *Iliada*, 22 na *Odisseia*).

4. Adjetivo que só aparece na *Iliada* em começo de verso (4 vezes) principalmente na fórmula Ἥως μὲν κροκόπεπλος, “De fato, a Aurora de manto amarelo”.

Sérvio, em seu comentário à *Eneida* (7.26), faz um sucinto apontamento sobre como o mantuano sobrepeõe dois epítetos homéricos atribuídos à Aurora em um único verso. Trata-se dos famosos compósitos ῥοδοδάκτυλον³ (“de dedos róseos”) e κροκόπεπλον⁴ (“de manto amarelo”) atribuídos à deificação do amanhecer, cuja excelência poética se encontra na (re)duplicação assonante e aliterante de fonemas afins em díspares lexemas aglutinados, algo que leitores de todos os tempos admiraram e imitaram. Virgílio ousa traduzir esses dois adjetivos em um só hexâmetro, fato que não acontecia no modelo grego, *Aurora in roseis fulgebat lutea bigis* (em tradução prosaica minha “A Aurora fulgia, amarela, em róseas bigas”). Nessa imitação, vale destacar a atenção que o romano dirige ao extrato sonoro, tanto que quase não lhe escapa som algum do verso sem duplicação, exceto o /f/ central, que, incidente sobre a cesura pentemímera, dispõe-se ao modo de um eixo de sons.

À leitura da tradução de Márcio Thamos, o que se verifica é uma naturalidade notável na transmissão dessa espécie de poesia homérico-virgiliana. O decassílabo a favorece, mas, sendo-o branco como formulado pelo Arcadismo lusófono, não dificilmente se deslinda, alhures, em fugacidade prosaica. Para alcançar a circularidade e o contínuo retorno que o bom verso excita, mais que forma métrica, requer-se ao tradutor uma certa sensibilidade musical de poeta. Posto que não existe rima interna, existe uma nota afim em mesmo tom que puxa outra “entre as armas e as tábuas e os tesouros/ de Troia que flutuam sobre as águas” (1.161-2 [trad.]).

Tesouros como aqueles da troiana Ilíona dados a Dido por Eneias no fim do canto primeiro:

colloque monile

bacatum et duplicem gemmis auroque coronam (1.654-5)

“e seu colar de pérolas e ainda

seu dúplice diadema de ouro e gemas” (1. 897-8 [trad.])

Do trabalho melopeico de Thamos, gostaria de tomar como exemplo a sua versão do segundo hexâmetro. Se retiro da análise o termo *bacatum* (“de pérolas”) que não consta do decassílabo 898, topamos uma das inúmeras buriladas reinvenções sonoras do tradutor.

Em Virgílio temos o par *duplicem gemmis*, de um lado, *auroque coronam*, de outro. A escolha do termo “diadema”,

traduzindo *coronam*, acrescenta uma importante chave eufônica ao texto de chegada, pois consegue ligar tanto assonância como aliterantemente “dúplice” e “gemas”. Além disso, convém atentar para as sobras sonoras de “seu” flertando com “dúplice” e o sintagma “de ouro”, retomando ecoico os jogos fônicos do decassílabo anterior (cf. “colar” e “pérula”). A aliteração em /d/ em português também é bastante feliz já que cintila em “dúplice diadema” como as gemas inúmeras da joia.

Nesse mesmo padrão – e para não me restringir a um único excerto –, aponto cinco decassílabos mais (indico a numeração do texto de chegada): “e perde-se no pélago voraz” (159); “na multidão rebenta uma revolta,/ a turba vil se exalta e logo joga[...]” (201-2); “e no andar deusa inteira revelou-se” (557); “Dido, a fenícia, agora o tem consigo” (917); “de mar em mar, errante pelas terras” (1033).

O leitor que, sequioso de poesia, atender ao convite de Márcio Thamos para (re)ler Virgílio em nossa língua, pode esperar esmeradas soluções tradutórias, como essas por mim pinçadas, mas também uma conversa arejada com um Virgílio brasileiro que anda sem culpa e dulcíloquo entre nós.⁵

5. O autor da resenha agradece a leitura criteriosa e as pontuais sugestões feitas pelo parecerista anônimo da *Classica*.

Recebida em fevereiro de 2013.

Aprovada em abril de 2013.